

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juliane Vargas Welter

A TERCEIRA MARGEM  
(ou A vingança de Nael):  
aspectos do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum.

**Porto Alegre**  
**2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juliane Vargas Welter

A TERCEIRA MARGEM  
(ou A vingança de Nael):  
aspectos do narrador na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum.

Trabalho apresentado como pré-  
requisito parcial para a obtenção do  
grau licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Frizon Guadagnin

**Porto Alegre**  
**2007**

Para meu irmão, Matheus e meus pais,  
Julio e Mareci.

## AGRADECIMENTOS

Márcia Ivana de Lima e Silva e Homero Araújo, pelo aceite na participação da banca examinadora;

Ian Alexander, pela “desorientação” que fez com que as trajetórias teóricas do presente trabalho fossem repensadas;

Marcelo Frizon, orientador, primeiramente pelo aceite na orientação, e depois pelos infundáveis questionamentos que tornaram meu trabalho possível;

Ao grupo de pesquisa “Questões de Hibridação nas Américas”, coordenado pela profa. Zilá Bernd, pelas oportunidades de debates e conhecimentos;

Zilá Bernd, orientadora de bolsa de iniciação científica por dois anos, pelo diálogo, aprendizado e pelo exemplo de intelectual que não descansa.

“Não há guarda-chuva  
contra o tempo,  
rio fluindo sob a casa, correnteza  
carregando os dias, os cabelos”.

**João Cabral de Melo Neto**

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo acompanhar a trajetória narrativa do narrador-personagem Nael, na obra *Dois irmãos* (2006), de Milton Hatoum, na busca da identidade paterna. Com uma narrativa marcada por esta dúvida, Nael está situado no meio de confluências culturais: da cultura indígena (a materna), da cultura libanesa (da família paterna), da cultura manauara e da cultura brasileira. Partindo de uma análise materialista da obra, com a idéia da história do Brasil como plano secundário, percorrendo o foco narrativo e a retórica, passando pelas “leituras novo-mundistas” e de “povos-novos” e discutindo a identidade paterna do narrador, podemos chegar à idéia de Nael como uma protocélula, o início de uma nova era. É o sobrevivente da família, que lhe deixou como legado a arte da escrita, podendo ser comparado à civilização brasileira, que tem como protocélula da relação indígena-português, que deu origem a algo nem indígena, nem português, que marca o início de um povo-novo como o Brasil.

*Palavras chave:*

*literatura brasileira - Milton Hatoum - identidade – tempo – memória – povos-novos*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO - NAEL, O NARRADOR-PERSONAGEM DO ROMANCE “DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ENREDO</b>	
1.1 O romance.....	10
1.2 Diálogos.....	18
<b>CAPÍTULO 2 – PAÍS</b>	
2.1 Um país chamado Brasil.....	20
2.2 Regionalismo?.....	22
<b>CAPÍTULO 3 – NARRADOR</b>	
3.1 Foco narrativo.....	25
3.2 Tentativas persuasivas.....	29
3.3 Os “povos-novos” e as “leituras novo-mundistas” .....	31
3.4 Confluências culturais.....	34
3.5 Identidade Paterna.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

### NAEL, O NARRADOR-PERSONAGEM DO ROMANCE “DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM.

“Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens” (HATOUM, 2006, p.54). Assim começa o capítulo 4 do romance *Dois irmãos* (2006), de Milton Hatoum, onde centra-se o tópico que o presente estudo propõem-se a investigar: o papel do narrador-personagem Nael, que com seus recursos estilísticos, na busca da identidade paterna, chega talvez (e esta é minha hipótese) a uma possível alegoria do Brasil. Nael não se nomeia até o capítulo 9, e sua narração é à cerca da história da família libanesa de Yaqub e Omar (os dois irmãos) e de sua mãe índia Domingas, na busca de sua origem: “anos depois desconfiei: um dos gêmeos era meu pai” (HATOUM, 2006, p.54). Através desta pesquisa, pensando na busca identitária do narrador e tendo a realidade histórica do Brasil no plano secundário, parto da idéia do narrador como o fruto de contato entre culturas. Pensando no colonialismo como uma troca experiência, utilizo o texto de Darcy Ribeiro (1983) e seu termo “povos-novos” e o texto de Ian Alexander (2006), com sua “leituras novo-mundistas” e seu modelo de confluências culturais.

Este narrador em primeira pessoa, que só se torna mais claro a partir da página 30, medeia várias culturas: a rabe, a indígena, a manauara e a brasileira<sup>1</sup>. Mais timidamente se pode citar a presença da cultura espanhola (na figura de Estelita Reinoso), portuguesa (com as lembranças da falecida esposa do vizinho Talib) e francesa (na figura de professor Laval). Intrincado nestas confluências culturais, Nael tem uma identidade incerta e um passado confuso, sempre teve “sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia do rio” (HATOUM, 2006, p.67).

A ordem de apresentação dos capítulos segue a linha que achei mais didática para a compreensão do tópico investigado. No primeiro capítulo temos o enredo da narrativa, sua intertextualidade com a bíblia, a obra de Machado de Assis e a retomada do mito do duplo,

---

<sup>1</sup> Separo a cultura manauara e a brasileira por aquela ser específica da região onde centra-se a narrativa e estar presente com suas peculiaridades regionais, como fauna, flora e alimentos.

bastante recorrente na literatura. Ao segundo capítulo, faço uma análise do Brasil como o tema secundário do romance e uma breve explanação sobre uma possível (ou não) leitura regionalista na obra, sendo a discussão centrada em textos de Tânia Pellegrini (2004) e Luis Augusto Fischer (2007), com o apoio de Rama (2001) e Chiarelli (2005). No terceiro capítulo centro a exame na figura principal do presente estudo: Nael, o narrador-personagem. Passando pelo foco narrativo da obra e a retórica do narrador, principalmente através dos textos de Marleine Toledo (2004 e 2006), um dos poucos textos específicos sobre a obra diga-se de passagem. Passo então às teorias de “povos-novos” de Darcy Ribeiro (1983) e de “leituras novo-mundistas” de Ian Alexander (2006) e o seu modelo de confluências culturais. Antes das considerações finais, discorro algumas linhas sobre o motivo principal da construção da narrativa: a identidade paterna. Traçado este caminho, chego então ao derradeiro final, esperado ou talvez inesperado, da conclusão: que identidade, percorrida ao longo de todo o caminho narrativo Nael acaba por assumir?

# CAPÍTULO 1

## ENREDO

### 1.1. O ROMANCE

No romance memorialístico de Hatoum o tempo sustenta a narração, com suas idas e vindas cronológicas. Uma narrativa dramática que está sempre a anunciar a tragédia que virá e o anúncio do segredo que tanto atormenta Nael: a identidade paterna. Tânia Pellegrini (2004, p.132) nos lembra que este segredo que se anuncia ao longo da narrativa é o que Aristóteles já chamava de *peripécia*, um fator importante da tradição literária.

Percorrendo toda a história de uma família de origem árabe que mantém a condição de imigrante na cidade de Manaus e tem como agregados Domingas, a *cunhatã*<sup>2</sup> que veio para casa da família ainda criança, e Nael, seu filho, que só vem a nomear-se no capítulo 9, um pouco antes do falecimento da indígena. Através das lembranças deste narrador-testemunha, sem nome, com raízes incertas, sem pai, tentando juntar os retalhos de outras histórias para chegar a sua, busca-se definir uma identidade onde já não restam muitas coisas: estão quase todos mortos.

Através da epígrafe da obra já antevemos um futuro nada glorioso, o retrato de um mundo degradado:

A casa foi vendida com todas as lembranças  
Todos os móveis todos os pesadelos  
Todos os pecados cometidos ou em vias de cometer  
A casa foi vendida com seu bater de portas  
Com seu vento encanado sua vista do mundo  
Seus imponderáveis [...]  
Carlos Drummond de Andrade

Carregada de substantivos e adjetivos negativos: as *lembranças* rememoradas por Nael na construção de sua origem, na história daquela família que era dele e não era; os *pesadelos* de todos: as desavenças entre os irmãos, a adoração de Zana por Omar, a perda do

---

<sup>2</sup> termo indígena para o diminutivo de mulher.

amor por Halim, a clausura de Rânia; *os pecados*, as traições, o possível incesto e, principalmente, a casa foi vendida com seus *imponderáveis*: aqueles a quem não se pode avaliar, aqueles a quem não se pode ponderar – pesar, examinar, considerar<sup>3</sup>.

Iniciando com um capítulo sem número, à parte, antes do capítulo I, onde o início tem o começo no fim: a morte de Zana, matriarca da família. A tristeza da mãe pela não reconciliação entre os irmãos: era só isso que ela desejava, mas isso não aconteceu. Uma mulher marcada pelo abandono da terra natal Biblos (Líbano) e da sua casa, pelo amor pelo filho Omar (o Caçula), e a não concretização de seu maior sonho: a reconciliação entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar.

Zana é mostrada como possuidora de uma “teimosia silenciosa (...) uma insistência em fogo brando” (HATOUM, 2006, p.40), decidia tudo, mandava e desmandava na casa. Só no fim da vida demonstra algum gesto de carinho para com o neto não assumido. Transitava entre a cultura árabe e a indígena: mantinha costumes, mas chega a se referir às mulheres interessadas em seus filhos como *cunhatãs*, mostrando-se inserida na cultura e termos do local em que habita.

Yaqub, o mais velho, que passa 5 anos no Líbano por decisão do pai, e que, por intervenção da mãe, foi só (em uma demonstração do poder matriarcal): o irmão Omar ficou em Manaus, sendo filho único durante esse tempo. Na volta de Yaqub do Líbano, esquecera o português, e com o tempo, a única lembrança do Líbano será a língua árabe. Yaqub e Omar são manauras, o cenário de sua infância é amazônico, mas estão inseridos em ambiente, de certa forma, árabe: Omar é filho da noite manauara, mas usufruiu dos *araks*<sup>4</sup>, e *narguilés*<sup>5</sup>, além dos doces árabes que sua mãe mandava quando estava em São Paulo. Já Yaqub, por ter morado no Líbano, não esquece a língua árabe. As influências da cultura árabe não me parecem muito marcantes nos irmãos: Omar utiliza do fumo e da bebida por elas estarem a disposição, não para manter uma tradição. Quanto à língua árabe, em Yaqub, se faz presente devido a sua trajetória, ele não parece cultivar a cultura libanesa.

---

<sup>3</sup> Michaelis. Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

<sup>4</sup> Bebida alcoólica de origem árabe, destilada da tâmara ou uva, aromatizada com anis dentre outras especiarias. Parecida com licor e consumida após as refeições (todas as notas de rodapé aqui referidas estão referenciadas ao final do trabalho).

<sup>5</sup> Cachimbo de água utilizado para fumar. Além desse nome, de origem árabe, também é chamado de hookah (na Índia e outros países que falam inglês), shisha ou goza (nos países do norte da África), narguilê, narguila, nakla, arguile etc. É tradicionalmente utilizado em muitos países do mundo, em especial no Norte da África, Oriente Médio e Sul da Ásia.

Logo da chegada de Yaqub, no episódio em que este urina na rua, já se anuncia que este não é o único vexame que os gêmeos fizeram Halim passar. Aqui inicia o anúncio recorrente em toda a narrativa: a possível tragédia que se aproxima. Tragédia que tanto pode ser a revelação da identidade paterna de Nael quanto um embate catastrófico entre os irmãos.

A estadia de Yaqub no Líbano é cercada de mistérios, não fala nada de sua vida lá:

“Não morei no Líbano, seu Talib”. A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: “Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci, é isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...(...) “Não pude esquecer outra coisa”, Yaqub interrompeu o pai, exaltado. “Não pude esquecer...”, ele repetiu reticente, e se calou. (HATOUM, 2006, p.88-89).

Enquanto as reticências podem ser consideradas uma marca em Yaqub, em Omar, em contra-ponto, podemos considerar o ponto de exclamação sua marca mais contundente. As diferenças entre os irmãos são grandes, Yaqub tem os “passos rápidos e firmes” (HATOUM, 2006, p.11), impensáveis em Omar, o protegido, que sempre foi visto como o corajoso, em contra-ponto com o irmão tímido e silencioso, que na volta do Líbano “calava quando podia, e, às vezes, quando não devia”, “como se um silêncio paralisante o envolvesse” (HATOUM, 2006, p.13).

Considerado esquisito, estudioso, alvo de olhares femininos, “um tímido que podia passar por conquistador” (HATOUM, 2006, p.24), segundo Domingas, que também se encantava com esse olhar, ele “tinha olhão de boto” (HATOUM, 2006, p.24), se referindo à lenda do boto, tão conhecida na região norte<sup>6</sup>. Enquanto isso, Omar, não menos sedutor, exagerava nas suas audácias juvenis e na boêmia.

As diferenças entre os irmãos e o ciúme que ambos sentiam levou Omar à agressão que culminou com a ida de Yaqub ao Líbano. Lívia, que acaba por se tornar a esposa de Yaqub, foi a causadora. Depois deste episódio, nunca mais se falaram. Na época tinham apenas 13 anos e Yaqub teve sua vida mudada. Segundo o próprio, ele foi obrigado a se

---

<sup>6</sup> Segundo a lenda, à noite, o boto se transforma em um homem bonito e forte que seduz as mulheres.

“separar de todos, de tudo...não queria” (HATOUM, 2006, p.86). E tem sua trajetória marcada por essa viagem não desejada.

Quando foi para São Paulo, em busca do progresso que sonhava, temendo ser “derrotado pela província” ou “devorado pelo irmão” (HATOUM, 2006, p.32), alegou: “dessa vez quem quis ir embora fui eu” (HATOUM, 2006, p.33). A escolha foi sua, como uma resposta (uma vingança contra a mãe) a ida imposta ao Líbano, além de sua ambição progressista, é claro.

Yaqub nunca perdoou Zana, nunca entendeu o porquê da proteção para com Omar. Em São Paulo, prosperou, casou-se. Nora que Zana não sabia quem era, considerando o filho casado um filho perdido. Não sabia ela que a nora era Lúvia, que havia deflagrado o episódio da agressão, carregado por Yaqub em forma de cicatriz em seu rosto. A ida de Omar para a capital paulista, causada pela briga com o pai, veio a piorar a relação já tão delicada dos irmãos.

A narrativa começa nos trazendo a figura de Yaqub como uma certa força positiva, na medida que é o estudioso, o centrado, e Omar como a presença negativa, o audacioso, o boêmio, o impetuoso, o agressor. Mas conforme a narrativa se desenvolve, os papéis são invertidos: Yaqub começa a aparecer como alguém calculista e vingativo, enquanto Omar mostra a sua fraqueza e seus sentimentos com a perda de seu amigo Laval, sentimentos expostos na leitura de um poema do mestre na homenagem feita pelos alunos após sua morte. Naquela tarde, Nael e Omar estiveram próximos: “não pude odiar o Caçula. Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. Mas não era, não foi assim. Foi só aquela tarde” (HATOUM, 2006, p.143).

Após a morte de Laval, considerado um mestre por Nael e Omar, e da abdicação das mulheres que amou (Dália e a Pau-Mulato, as únicas nomeadas), Omar ficou recluso um tempo. Quando saiu, deu de catar frutas podres e folhas no quintal. A frustração tomou o lugar da audácia. E mesmo na última agressão a Yaqub, o fato de ter sido enganado pelo irmão o redime, em partes, da culpa.

Quanto a Laval, temos uma figura um tanto quanto misteriosa na arquitetura do romance. Francês, professor, escritor de poemas que nunca foram publicados, Laval tem no decorrer da obra uma papel tímido. Só na sua morte, durante o golpe de 64, por acusações de comunismo (idéia subentendida), ganha um relevo maior, pois é o único momento em que há uma aproximação entre Omar e Nael.

Rânia, a irmã que nascera 4 anos depois, possuidora de um ar auto-confiante, sente-se hipnotizada pelos irmãos. Significava menos que eles na casa, mas mais que Nael, que morava em um quarto fora dos limites da residência, junto com a mãe Domingas. Deixava-se seduzir pelo irmão Omar nos aniversários de Zana, onde este lhe deixava bilhetes pela casa e ela “via no gesto nobre do irmão o fantasma de um noivo sonhado” (HATOUM, 2006, p.69). Foi um ser enclausurado. Após um desentendimento misterioso com a mãe, só deu atenção a dois homens: Yaqub e Omar. A mistura dos irmãos seria o noivo de Rânia, ela então “contentou-se em idolatrar os gêmeos, sabendo que os laços sanguíneos não anulavam o que neles havia de irreconciliável” (HATOUM, 2006, p.73).

O incesto entre os irmãos é sugerido (diferente da relação incestuosa com Nael, que é narrada): “ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer” (HATOUM, 2006, p.88).

Halim, o patriarca, era um romântico, apaixonado por Zana, com quem viveu uma paixão tórrida:

Assim eu via o velho Halim: um naufrago agarrado a um tronco, longe das margens do rio, arrastado pela correnteza para o remanso do fim (...) Não dava ouvidos a ninguém(...) bebia suave, lambia os beijos e espreitava os gestos de Zana, se derretia para ela, balbuciava palavras de amor. E ainda teve tempo para testemunhar alguns acontecimentos importantes na nossa vida (HATOUM, 2006, p.137-138).

A relação entre Zana e Omar o incomodava, até mesmo o cheiro de Omar o irritava, já para Yaqub tinha sonhos de um futuro glorioso. Havendo exercido a profissão de regatão (mascate), conhecia muitos lugares e muitas pessoas, transitava por todas essas culturas. Não era alguém saudosos de sua terra natal (veio do Líbano ainda muito jovem), mas mantinha costumes como a *narguilé* e o *arak*, além da língua árabe que às vezes utilizava, principalmente no fim da vida. Era árabe e brasileiro, libanês e manauara, como o restaurante de seu sogro Galib onde se falavam várias línguas misturadas ao português, ou como o porto de Manaus. Porto este que pode ser visto como símbolo de viagem, de chegadas e partidas, onde a confluência de culturas se dá a todo momento.

Foi um apaixonado que morreu aos poucos, melancólico sem as atenções de Zana (que só tinha olhos para Omar). Faleceu antes de presenciar o pior “o mais infame, o fundo do abismo” (HATOUM, 2006, p.100).

Era Halim quem contava as histórias do passado para Nael, mas não mencionava Domingas, adiando a dúvida: quem era seu pai? Representava para Halim um “confidente, bem ou mal era um membro da família, o neto de Halim” (HATOUM, 2006, p.101).

Halim faleceu no Natal de 1968, e a grande batalha de sua vida, segundo o narrador, foram os gêmeos. Andava melancólico, caminhava pela cidade, sempre com a proteção de Nael, a quem se referia como “querido”. A perda das atenções de Zana foi o matando aos poucos o libanês. Quando Omar encontrou o pai morto, deu-se uma das cenas mais dramáticas da narrativa - a vingança às avessas de Omar:

Não suportou ver o pai morto em casa, sentado no sofá cinzento, de onde costumava ver o filho embriagado ou grogue de sono na rede vermelha. O mesmo sofá em que Halim se sentara uns minutos, ofegante, exausto, depois de ter esbofeteado e acorrentado o filho. Ele deve ter lembrado disso, o Caçula, na noite em que despertou com o choro convulsivo das mulheres em casa. Logo que desceu a escada, Omar não entendeu, não queria entender o que acabará de acontecer. Viu no sofá cinzento o único homem que o desonrou com um bofete. Começou a gritar, criança incendiada de ódio ou de algum sentimento parecido com o ódio. Gritava, fora de si: “Ele não vai acorrentar o filho dele? Não vai passar a mão no rosto suado? Por que não se mexe e fala comigo? Vai ficar aí, com esse olhar de peixe morto?” (...) Omar nos surpreendeu com seu gesto irado, o dedo em riste apontado para o rosto de Halim, para os olhos quase fechados, sem vida, do pai cabisbaixo. Rânia ficou paralisada: não sabia o que fazer, não pôde impedir o irmão de gritar, de pegar no queixo do pai e erguer-lhe a cabeça. O viúvo Talib chegou a tempo de evitar um confronto entre o filho vivo e o pai morto (HATOUM, 2006, p.162-163).

Após o enterro, Zana, pela primeira vez, repreendeu Omar: “chega de bancar o coitadinho, chega de esfolar as mãos e os braços com esse trabalho de péssimo jardineiro...agora tu não tens pai...deves procurar um emprego e parar com essa mania de desocupado (HATOUM, 2006, p.166).

Omar voltou então à noite manauara e tentava reconquistar a mãe, mas esta só queria a reconciliação dos filhos. Após a morte do marido, percebeu que o que verdadeiramente o matara fora esta relação conflituosa aliada à proteção a Omar e, conseqüentemente, a falta de atenção destinada a ele.

Com a aproximação com Rochiram, o construtor indiano, Zana achou ter encontrado um meio de unir os filhos, uma forma também de Yaqub perdoá-la, mas o plano

não deu certo: “O Omar perdeu a cabeça. Foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas...Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo...”(HATOUM, 2006, p.177).

Culminando em mais uma agressão de Omar a Yaqub, e na perda da casa para o pagamento da dívida dos irmãos, E principalmente, por causa desta agressão, Yaqub consegue a vingança contra Omar, mandando-o para a cadeia. Esse era o desfecho perfeito para quem, segundo Domingas, já nascera perdido, como os dois irmãos (HATOUM, 2006, P.178).

Quanto a Domingas, era a sombra servil de Zana. Veio para a casa na época em que Zana e Halim abriram um pequeno comércio. Era batizada, segundo a religião cristã (uma marca da influência dos povos majoritários da região) e alfabetizada. Segundo Nael, Domingas foi “um pequeno milagre, desses que servem para a família e as gerações vindouras” (HATOUM, 2006, p.48).

Era “a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama”, “louca para ser livre” (HATOUM, 2006, p.50). Nunca teve coragem de ser livre, enfeitiçada pela família e pelos gêmeos. A relação com Yaqub foi mais forte, um amor maternal, se preocupava com ele, mas sofria com os desamparos de Omar.

Um pouco antes da morte, Domingas revelou que foi violentada por Omar: “com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado...Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (HATOUM, 2006, p.180).

Com Omar ela não queria, e com Yaqub? Sim. Mas nunca fica claro se algum contato com Yaqub aconteceu. Domingas acaba sendo enterrada no jazigo da família, por desejo do filho: “minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui” (HATOUM, 2006, p.183).

A morte de Halim, o desaparecimento de Omar (Zana não chegou a vê-lo preso), levaram Zana a esmorecer aos poucos, assim como a casa. Rânia mudou-se, ficaram apenas a avó e o neto. Não falava mais em Yaqub, não o perdoava por ter traído o irmão e nunca ficou sabendo da última agressão. Acabou por abandonar a casa, usada para pagar as dívidas dos gêmeos. Rânia descobriu na época que Yaqub havia calculado o momento adequado de sua vingança: esperou a mãe falecer. Omar acabou sendo condenado a 2 anos e 7 meses de

prisão. Quando deixou o presídio, esteve na antiga casa, em um reencontro com Nael, em que este esperava por um pedido de perdão, por Domingas, que não veio.

Com o passar do tempo, Nael se afastou de Rânia e dos irmãos, para se distanciar do “mundo das mercadorias”, que não era seu, “nunca tinha sido” (HATOUM, 2006, p.195).

O romance, com seu conflito familiar, apóia-se em personagens densos e complexos, cujos sentimentos e angústias perpassam a narrativa através do narrador-testemunha. A figura feminina, na matriarca, é o cerne de toda a família, quem de certa forma decide o futuro de todos, desde a ida de Yaqub para o Líbano sozinho, até a frustração de Omar, que:

preferiu as putas e o conforto do lar a uma vida humilde ou penosa com a mulher que amava [Pau-Mulato]. Tentou se conformar com essa frustração que ele supunha pacificamente, e nunca mais ousou entregar-se a mulher nenhuma (HATOUM, 2006, p.134).

O poder feminino na narrativa, além de aparecer na figura materna, surge também na irmã Rânia, dotada de tino comercial, um atributo ligado ao mundo masculino, irmã que vive confinada na loja da família ou no quarto e nutre por seus irmãos um sentimento quase incestuoso. Ou ainda a agregada Domingas, que, apesar de estar emocionalmente presa àquela família, é a deflagadora da narrativa em certo sentido: é a mãe do narrador-personagem e nega a ele a identidade paterna.

Os personagens masculinos emergem quase como dependentes do clã feminino, no sentido de parecerem mais frágeis que estes personagens: Halim, que sem as atenções de Zana perde o ânimo; Omar, que sempre foi cercado do amor materno e dependente financeiramente, e Yaqub, que é marcado pela preferência da mãe pelo Caçula. Mas, mesmo as figuras femininas sendo dotadas de mais força, estão à merce dos conflitos entre os irmãos. Com o diferencial de Nael, o narrador, que se mostra dependente apenas de sua dúvida.

## 1.2 DIÁLOGOS

A obra dialoga com o mito bíblico dos irmãos gêmeos Esaú e Jacó, no Gênesis, filhos de Rebeca e Isaque. Esaú era o primogênito e tinha mais direitos que Jacó. A mãe, assim como Zana, tinha preferência pelo caçula (Jacó), e isto leva-a enganar o próprio marido para que o caçula obtivesse a progenitura. O fato cria uma inimizade entre os irmãos. O curioso aqui é que Jacó é Yaqub em árabe - já Omar significa “o supremo”. Yaqub (Jacó) era o primogênito, e a preferência da mãe recaía sobre Omar. Só que neste caso a progenitura não abarcava direitos especiais. Mas com a ajuda da mãe - assim como na Bíblia, mas neste caso, com a inversão do filho ajudado e sem saber que o ajudava - Yaqub (Jacó) começa o plano de vingança contra Omar (Esaú). Na Bíblia, Esaú tenta assassinar o irmão (mas a tentativa é em vão), assim como Omar agride Yaqub.

A intertextualidade se faz presente também com a obra *Esaú e Jacó* (1904), de Machado de Assis. No romance citado os irmãos Paulo e Pedro têm posições opostas em vários âmbitos, menos no amor: os dois disputam a jovem Flora. O diferencial é que os irmãos acabam por se reconciliar ao final da narrativa. Assim como Machado trabalha com uma alegoria do Brasil no século XIX, a obra de Hatoum retrata boa parte do século XX brasileiro.

Ainda temos a figura do duplo. O tema é constante na literatura porque diz respeito às questões mais inquietantes para o ser humano: a sua identidade e o seu destino. “Quem eu sou?”, “quem é o outro?”, “o que serei depois da morte?” são indagações constantes do homem. Pode-se pensar no duplo como a figura do rival (que se faz clara na narrativa) ou ainda como um complemento de si mesmo. Segundo Ana Mello, em uma acepção psicológica, o duplo :

Pode surgir (...) como o encontro necessário e benéfico para solucionar a cisão interna e proporcionar o alcance da unidade (2007, p. 229).

Para Platão, todas as coisas conhecidas são o duplo de algo não possível de reconhecer ou uma realidade ideal. A idéia da duplicidade para o filósofo aparece também através do mito do homem duplo ou andrógino: cada ser humano seria o fruto de uma união primitiva, estado de perfeição que foi perdido quando os homens ameaçaram os deuses.

Segundo a autora, na literatura, “o duplo é seguidamente representando por um rival, projeção do pai ou de um irmão” (MELLO, 2007, p. 229).

O duplo em Omar e Yaqub projeta o rival, o Outro, o diferente. Podemos pensar no duplo ainda como o árabe e o indígena, a metrópole e a periferia ou ainda Domingas e Rânia. Duplos que nos levam até Nael: a terceira margem do rio, a terceira opção, filho de um dos dois mas que acaba por não se unir a nenhum deles. Duplo que, mesmo sendo rival, era também complemento. Domingas era seduzida pelo que os irmãos tinham de complementar, por exemplo: os remos e tralhas do Caçula lhe exaltavam o ânimo, enquanto o despojamento do espaço de Yaqub lhe esfriava a cabeça. Assim como Rânia, que também era seduzida pelos dois, ou como Lívia, que chegou a estar com Omar, acabando por casar-se com Yaqub.

## CAPÍTULO 2

### PAÍS

#### 2.1 UM PAÍS CHAMADO BRASIL

Tendo Manaus como pano de fundo, pode-se notar, paralela à história central, a história de um país frente à modernização e a acontecimentos importantes de nossa história, como o Golpe de 64. Segundo Pellegrini “nesse sentido, tem-se a história do país refletida num pequeno mundo e a ele circunscrita, transmitindo valores específicos” (2004, p.123).

A formação do país é percebida no fio cronológico que conduz a história: de um lado o interior atrasado e parado no tempo; do outro, a sede de progresso na metrópole, personificada por Yaqub. Sede de progresso personificada também pela construção de Brasília, construção e euforia que ecoa na Manaus atrasada. O atraso é percebido na fala do narrador, por exemplo, que pontua o fato do trânsito de muitas carroças e poucos carros ou ainda no retrato de uma Manaus amontoada de ex-seringueiros sem emprego. A ida de Yaqub para São Paulo é sintomática do atraso e da sede de progresso do mesmo, já que segundo seu professor, se ali ficasse seria “derrotado pela província” (HATOUM, 2006, p.32), como já mencionado.

Nesta época, cronologicamente o pós II guerra, houve uma melhora econômica em Manaus, com a chegada dos soldados da borracha. Segundo o narrador “na época da ida de Yaqub para São Paulo, ele e o Brasil pareciam ter futuro promissor (HATOUM, 2006, p.33). O ano é 1950, após a derrubada da ditadura getulista e a promulgação de uma nova Constituição Federal (1946) até o Golpe Militar de 1964, o país viveu uma fase mais democrática. Nas cartas de Yaqub de São Paulo, o fascínio pela cidade grande se revelava, parecia outro mundo. Mostrando uma extremidade do Brasil que crescia vertiginosamente, enquanto em Manaus, “dinheiro dado era *maná*<sup>7</sup> enviado do céu” (HATOUM, 2006, p.78).

Além do cenário manaura, temos a presença libanesa, que é o núcleo da história. Sabe-se que a imigração libanesa começou no início do século XX: o pai de Zana, Galib, chegou ao Brasil, com a filha, no ano de 1914. Assim como sabe-se que a principal profissão

---

<sup>7</sup> O livro bíblico de Êxodo o descreve como um alimento produzido milagrosamente, sendo fornecido por Deus ao povo hebreu, liderado por Moisés, durante sua estada no deserto rumo à terra prometida.

destes era a de mascate, ou regatões, como se refere Hatoum. Esta profissão fez com que eles povoassem uma boa parte do território, já que se espalharam pelo país.

Na época da construção de Brasília, com “noites de blecaute no norte”, a “euforia de um Brasil distante chegava a Manaus como um sopro amornado” (HATOUM, 2006, p. 96). O futuro promissor parecia dissolvido “no mormaço amazônico” (HATOUM, 2006, p.96). O futuro parecia distante, e o passado grandioso também. Uma amostra do progresso se dá aos personagens quando Yaqub reforma a casa: “se a inauguração de Brasília havia causado euforia nacional, a chegada daqueles objetos foi o grande evento da casa” (HATOUM, 2006, p.97).

Assim como o progresso do capitalismo chegou à loja da família: reformas, não havia mais venda “fiado”, haviam promoções e utilizava-se da publicidade: “em menos de 6 meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar” (HATOUM, 2006, p.98)

Após a euforia econômica, veio o golpe de 64, que instalou a ditadura militar no Brasil, representado pela prisão e morte de Laval “a cidade estava meio deserta, porque era um tempo de medo em dia de aguaceiro” (HATOUM, 2006, p.143).

Dizia-se que Laval era “um militante vermelho, dos mais afoitos, chefe dos chefes, com passagem por Moscou. Este, não negava, nem aprovava” (HATOUM, 2006, p.144). Mas sua prisão e morte parecem responder a esta questão. Assim como o país, na época, Manaus aparece como uma cidade agitada: correria e confusão no centro, a cidade flutuante cercada por militares, que estavam em toda parte, até nos terrenos baldios do centro. E para Yaqub “os terrenos do centro pedem para ser ocupados” (...)“Manaus está pronta para crescer” (HATOUM, 2006, p.147).

Era uma cidade ocupada, assim como os grandes centros do país:

As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército. Halim me aconselhou a não mencionar o nome de Laval fora de casa. Outros nomes foram emudecidos. A tarja preta que cobria uma parte da fachada do liceu fora arrancada e as portas do prédio permaneceram trancadas por várias semanas (HATOUM, 2006, p.149).

Nos passeios de Domingas e Nael também percebe-se o retrato de um país desigual: a presença de migrantes do interior e índios esmolando na rua eram os sinais dos tempos de desigualdades econômicas, daqueles que foram em busca de um futuro melhor mas acabaram na miséria. Pode-se lembrar de outros romances da literatura brasileira que nos trazem a problemática da desigualdade: *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, que, na figura de Fabiano e sua família, relata a busca pela sobrevivência em meio a estiagem no sertão. Ou ainda Cyro Martins com a trilogia do “gaúcho a pé”, compostos pelos livros *Sem Rumo* (1937), *Porteira Fechada* (1944) e *Estrada Nova* (1954), que fixa a questão do capitalismo nas estâncias, com a expulsão dos trabalhadores do campo “a necessidade de mão-de-obra pastoril reduziu-se com a modernização das fazendas, os pequenos trabalhadores são então despejados, rumando para o cinturão de miséria que envolve as cidades” (WELTER, 2007, p.535).

As narrativas supracitadas referem-se a relatos de desigualdade feitos de inteiror do problema para o exterior, já que os personagens principais são as vítimas desta desigualdade, diferentemente do romance de Hatoum, onde Nael só observa, sendo um privilegiado: era filho da empregada, mas não parece em nenhum momento que sofra com as desigualdades sociais e econômicas.

## 2.2 REGIONALISMO ?

Para Ángel Rama (2001, p.11):

dentro da estrutura global da sociedade latino-americana, o regionalismo acentuava as particularidades culturais que haviam sido forjadas em áreas ou sociedades internas, contribuindo para definir seu perfil diferencial. Por isso mostrava propensão pela conservação daqueles elementos do passado que haviam contribuído para o processo de singularização cultural, procurando transmiti-lo ao futuro como modo de preservar a configuração adquirida.

Após esta pequena explicação a cerca de regionalismo na América Latina, temos o texto de Pellegrini (2004), em que considera o romance de Hatoum regionalista na medida em que é povoado por características específicas da região, que pontualmente se situa: seu linguajar, suas crenças. Povoado, conseqüentemente, por pessoas cuja formação de

identidade é diversa daquelas situadas em outro espaço geográfico e histórico. A cidade é situada a beira do rio Negro, com a floresta Amazônica ao fundo, uma cidade portuária, a mais importante da região. Cidade que experimentou o ciclo da borracha, a imigração devido ao sucesso do mesmo, a decadência do ciclo, as pressões das modernizações do capitalismo, a condição de periferia em relação às metrópoles do país, representada por São Paulo e Yaquib no romance, em seu progresso crescente. É o retrato de um país em formação, com os avanços e transtornos do século XX.

A autora acredita que Hatoum faça parte da linhagem de Márcio Souza, escritor amazonense, que “procurou fundamentar uma atitude de preservação das peculiaridades culturais amazonenses” (PELLEGRINI, 2004, p.127), revisitando essas características, descrevendo-as de uma forma nova. Em *Dois irmãos* o cenário pode ser considerado secundário (diria até terciário), o que temos é o tema deste pequeno clã, mas sabemos exatamente onde situa-se (geograficamente) esse local através das descrições feitas ao longo do romance.

Já para Stefania Chiarelli (2005), ao se referir ao romance de Hatoum *Relato de um certo oriente* (1989), que utilizo aqui por acreditar que se encaixa como uma análise referente a este aspecto em *Dois irmãos* também, nos diz:

é inevitável se pensar em dois pontos que se impõem: o primeiro, referente ao fato de constituir-se em um romance que tematiza o Amazonas sem ser regionalista, evitando exaltar o aspecto exótico dessa região; e o segundo, ao ser brasileiro, evita repisar aspectos exóticos do Brasil (p.5).

Acredito que Pellegrini utiliza o critério de centro versus província para creditar a obra como regionalista. Para Luís Augusto Fischer (2007), o centralismo foi “matriz mental, ideológica, política, mais propriamente epistemológica, da visão unitarista que a cultura brasileira construiu ao longo do tempo”, tendo a história brasileira imposto “uma visão unitarista, que não acolheu a diferença regional como válida” (p.7)

Ainda segundo Fischer (2006), uma melhor compreensão de “regionalismo” ocorreria se o termo fosse mudado: ao invés de regional o termo temática rural versus temática urbana ficaria mais claro. Ou ainda, temática da província. Esta nova divisão abarcaria um número muito mais relevante de obras, não sendo elas estigmatizadas como

regionais, no sentido depreciativo do termo: parcial, em contraponto com o universal, o moderno, de vanguarda.

E se pensarmos em Manaus, o que temos? Um grande centro urbano. Mas um grande centro urbano visto como província pelo “centro” do país. Temos uma narrativa em linguagem culta, em uma cidade urbana, de uma região não central. Partindo da concepção de Ráma (2001), passando por Pellegrini (2004) e por Chiarelli (2005), pelos textos de Fischer (2006 e 2007), creio que Hatoum não pode ser classificado como temática regionalista em hipótese alguma e sim como uma temática da província, se adotarmos a posição centralista.

Temos a paisagem amazônica, assim como a cultura árabe, mostrada sem idealizações, já que Hatoum é manauara e descendente de libaneses, narrada então por quem a conhece, sabe da diversidade da fauna e da flora local, por quem está habituado a *araks* e *narguilés*. Exótico apenas para quem não os conhece e regional para quem os vê do centro, como uma província perdida no norte do país. O que me leva a crer que a leitura regionalista que Pellegrini (2004) fez da obra corresponde à leitura do romance como de província, como nos traz Fischer (2007).

## CAPÍTULO 3

### O NARRADOR

#### 3.1 FOCO NARRATIVO

Como já dito, a busca do “eu” assombra a humanidade há séculos e é exatamente essa pergunta que Nael, o narrador do romance *Dois irmãos* tenta desvendar. Seu questionamento parte do não conhecimento da identidade do pai, só existe a dúvida: qual dos dois irmãos é seu pai?

A obra não tem como tema central a história de dois irmãos, como poderia sugerir o título. Através do resgate da memória, com a narração da história da família incumbida a Nael, o foco narrativo centra-se na figura do narrador-testemunha, e sua busca identitária, busca que irremediavelmente passa pela figura dos dois irmãos: Omar (o Caçula) e Yaqub. Que narrador é Nael? O que ele quer nos dizer? Segundo Arriguci Júnior “a posição do narrador é o centro da técnica ficcional: quem é o narrador? De que ângulo ele fala? De que canais se serve para narrar? A que distância coloca o ouvinte ou o leitor da narrativa?” (In: TOLEDO, 2004, p.28).

O narrador é em 1º pessoa, é o responsável pela seleção dos discursos e também por todos os outros recursos da narrativa. Estamos nós, leitores, à mercê da perspectiva e das intencões daquele que nos narra. Nael é o mediador não só das diversas culturas que o circundam (indígena, libanesa, manauara, brasileira), mas também da relação autor/leitor, personagem/universo narrativo. Sem pai, filho da empregada com um dos gêmeos (filhos de Halim e Zana), está em um ângulo especial de observação.

Em *Dois irmãos* conhecemos os personagens pelos olhos do Nael, é através do discurso dele que podemos ter idéia de quem são estas pessoas e, como todo discurso é ideologicamente marcado, a idéia que chega até nós sobre os personagens é a idéia que ele quer que tenhamos deles. O narrador é um personagem envolvido emocionalmente com a trama, irremediavelmente não está livre de julgamentos ou predileções, podendo ser tendencioso nas ações e nos modos de Yaqub e Omar, por exemplo. Pouillon (In: TOLEDO, 2004, p.29) chama de “visão com”, própria do narrador-personagem. Em um romance “com”, a visão tem por centro um foco que faz parte do próprio romance, é a partir dele que o leitor terá a possibilidade de conhecer os personagens e o enredo.

Os personagens são analisados pela representação da voz do narrador, que atribui características de acordo com a maneira que ele tem de enxergá-las e estas imagens vistas por ele tendem a ser influenciadas por seus desejos íntimos. Um exemplo claro de predileções é encontrado na narrativa referente aos irmãos. Yaqub, no início do romance, é evidenciado pelo bom caráter, mas sabemos que Nael o idealizava e preferia que ele fosse o seu pai. Segundo o próprio narrador “se for ele o meu pai, então sou filho de uma homem quase perfeito” (HATOUM, 2006, p.83). Mas a direção da narrativa sobre Yaqub muda de rumo: o perfil bondoso e correto se perde no caráter frio e insensível do personagem.

Yaqub era influenciado na narração pelo desejo de Nael: queria que ele fosse seu pai e Omar era influenciado pela antipatia sentida pelo narrador, estava entrelaçado ao desejo de vingança. O próprio Nael não sabia do que queria se vingar: “só pensava, vagamente, em vingança. Mas vingar-me de quem?” (HATOUM, 2006, p.69) e sua raiva acaba por recair sobre o membro da família pelo qual ele tinha mais antipatia; ainda não sabia do episódio do estupro de Domingas pelo Caçula, o conhecimento do fato acabou por acentuar este sentimento.

A sua predileção por um dos irmãos nota-se também por haver muito mais comentários sobre Yaqub do que sobre Omar ao longo da narrativa. A figura do preferido parece mais próxima do leitor, já que ele é caracterizado com mais detalhes e com mais carinho, criando um sentimento de adesão por parte do receptor ao início da narrativa. Adesão que é rompida com o desenrolar dos planos calculistas de vingança de Yaqub para com o irmão: acaba como vilão, levando a família à derrocada. O homem com “olhos de boto” não levou mulher alguma para o fundo do rio (como diz a lenda), mas levou a família ao fundo do poço.

Chegamos a essa visão porque Nael assim o quis, quando ao longo da narrativa Yaqub se mostrou calculista, o narrador traz as características dele de maneira mais fria, diria indiferente. Deixando de idealizá-lo, refere-se ao “perigo e a sordidez de sua ambição calculada” (HATOUM, 2006, p.196), tão danosa quanto “a loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo” (HATOUM, 2006, p.196). Na gangorra dos sentimentos de Nael, onde Yaqub sempre levou vantagem, os irmãos acabam por ter o mesmo lugar ao sol, o que acaba por gerar o afastamento de Nael dos irmãos ao final do romance.

Os recortes de memória colocados na obra, alinhavados por comentários do narrador, tornam o romance extremamente dramático. Segundo Marleine Toledo (2004), os momentos das tragédias podem ser divididos em ato ou em potencial. Em ato, como nas agressões entre os irmãos e em potencial nas angústias de Nael: “Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia do rio” (HATOUM, 2006, p.67). Importante frisar que estes momentos de angústia do narrador dão um toque de narrativa intimista ao romance: ele não está apenas contando uma história, está dividindo seu sofrimento e sua visão sobre os outros personagens.

Voltando às tragédias, que sempre estão por vir:

O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir (...) Ainda bem que não chegou a presença o pior. O mais infame, o fundo do abismo que Halim temia, só aconteceu alguns anos depois da história da Pau-Mulato (HATOUM, 2006, p.46 /100).

A mãe, Domingas, que é citada na maioria das vezes pelo nome e não como progenitora, é mostrada pelo narrador como uma pessoa ajudada e explorada quase que na mesma proporção:

entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade (HATOUM, 2004, p.50).

Toledo (2004) atenta para o fato de que, em momentos que Nael apresenta fatos objetivos, sua mãe torna-se Domingas, mas, quando se envolvia emocionalmente com o acontecimento, ela era a mãe. Importante ressaltar que a informação de que Domingas é sua mãe não aparece logo no início da narrativa. Neste ir e vir mãe/Domingas pode-se pensar na angústia do filho que tem a identidade paterna omitida, demonstrando talvez um certo rancor velado pela mãe que participa deste segredo. Ou, quem sabe, a mãe também não sabia da identidade deste pai: com Omar ela não queria e com Yaqub não temos certeza se houve algum envolvimento. Detentora de segredos, misteriosa, foi uma figura difícil de ser desvendada pelo filho, este também pode ser um motivo para que seja referida dessas duas formas: era nebulosa, por isso o certo distanciamento nas referências. Independente de haver rancor (seria extremamente velado), Nael tenta ajudar a mãe nas tarefas, tentando amenizar

os serviços a ela impostos. Serviços que também eram impostos a ele, narrados em alguns momentos do romance:

Era um corre-corre sem fim. Zana inventava mil tarefas por dia, não podia ver um cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos móveis (...) Eu atrasava as lições de casa, era repreendido pelas professoras, me chamavam de cabeça-de-pastel, relapso, o diabo a quatro. Fazia tudo às pressa, e até hoje me vejo correndo da manhã à noite, louco para descansar, sentar no meu quarto, longe das vozes, das ameaças, das ordens (HATOUM, 2006, p. 61/65).

Mãe e filho eram explorados de acordo com o seu relato. Esta angústia o narrador transfere ao leitor, como podemos notar claramente na passagem citada anteriormente, tentando obter a sua adesão e convidando-o a partilhar da idéia de auto-piedade do narrador, buscando assim apoio a seu desejo de vingança: com uma vida tão “sofrida” quem não acabaria por simpatizar com ele? Com uma boa retórica, Nael tenta comover o leitor: a imagem dos dois é assentada em certa aflição, somada ao inconformismo de não saber quem era seu pai e a omissão da família. Traçando este perfil de vítima do jogo familiar, sua revolta e desejo de vingança se explicam tanto pela exploração dos padrões (leia-se Zana) quanto dos problemas emocionais acarretados pela falta de identidade.

Em alguns momentos da narrativa as informações repassadas são assentadas na voz de outros personagens: leituras das cartas de Yaqub e Omar feitas por Zana, assim como as referências desta para com os pretendentes de Rânia. Utiliza muito do depoimento de Domingas e Halim, sendo eles as visões secundárias do romance. Tendo Halim maior força narrativa que Domingas, por aquele ser menos obscuro que esta e manter muito mais diálogos com o filho do que a mãe.

A tentativa de imparcialidade que Nael se esforça para ter é percebida quando este diz estar de “fora” do mundo que narrava, como um espectador. Mas esta neutralidade sofre interferências, por exemplo, na predileção no que diz respeito à identidade do pai. Não é apenas um observador, é peça atuante quando o assunto é Domingas e a dificuldade de saber quem era seu pai.

Através de revelações de conduta dos personagens, o narrador tenta revelar o interior dos mesmos através das ações praticadas. Pela conduta de Zana, pode-se imaginar que a inimizade entre os irmãos é resultado, em grande parte, do tratamento diferenciado dado a eles. Culpa a que o próprio Halim se refere. No que confere aos gêmeos, Nael

ressalta o jeito tímido de Yaqub e a eterna bagunça que era Omar, que só ganha simpatia quando Laval falece. As diferentes condutas dos irmãos são bem ressaltadas ao longo do romance, o narrador parece querer nos deixar bem claro os dois lados da moeda. Dois lados que sempre pesaram sentimentalmente em direção a Yaqub. Assim como para Zana, pesaram mais em direção a Omar.

Partilhando da idéia de Toledo (2004), penso que Nael, assim como Zana amenizava os erros de Omar, amenizava os erros de Yaqub. Mesmo quando aconteceu a traição ao irmão, quando acaba por revelar seu lado mais frio, o narrador coloca-se mais no plano do indiferente em relação a Yaqub. Se a traição fosse inversa, provavelmente Omar seria julgado de forma mais severa. Esta amenização se dá pelas predileções a cerca dos irmãos.

### **3.2 TENTATIVAS PERSUASIVAS**

No que tange a retórica e suas regras de eloquência para a persuasão, o emissor da narração tenta a adesão do leitor a sua história. Do que Nael pode estar tentando nos convencer ao longo desta narrativa?

Acredito que Nael tenta conquistar o compadecimento do leitor, traçando os caminhos da persuasão, no intuito de fazer que seja aceito o ponto de vista por ele exposto. O enredo em 1º pessoa dando maior vazão a interpretações subjetivas, com este narrador, filho da empregada, poderíamos ter um relato sem distorções? Marcado pela angústia e pelo inconformismo, poderia ele ser neutro?

Fruto do carinho entre Domingas e Yaqub ou da violência de Omar, tem o problema da falta de identidade e do não reconhecimento da família deste parentesco. Para conseguir que o leitor aceite a sua história, Nael precisa de um discurso bem trabalhado. E é este o órgão vital da retórica, é o que convence ou não o público. Moldado pelas intenções do narrador, pode conduzir o leitor a diferentes direções. Na direção de simpatia com Yaqub, por exemplo, no início da obra. Assim como a antipatia que pode ser gerada para com o mesmo ao fim do romance. Os depoimentos ao longo do romance servem também para conquistar o público: dão veracidade ao que é narrado.

Em diversas seqüências parece apresentar o intuito de conquistar um certo compadecimento do leitor, parece desejoso de piedade, colocando-se em posição de vítima:

como quando se dizia como um “rastros dos filhos de Zana”(p.28), reclamava “eu não sabia nada de mim” (p.54), colocava Omar como sendo um “inferno até o fim”(p.65), reclamava do seu passado desconhecido “jogado sei lá em que lado do rio”(p.67), utilizava-se do depoimento de Domingas para se fazer crer: “tens que ter paciência com a Zana, com o Omar, o Halim gosta de ti”(HATOUM, 2006, p.66). Só Halim, ninguém mais.

Nael procura mostrar, por estratégias argumentativas, como a insensatez imperava naquele meio familiar (o amor obcecado de Zana por Omar, a vingança fria e calculista de Yaquub, a relação incestuosa de Rânia para com os irmãos), colocando ele e sua mãe como vítimas. Apenas Halim é mostrado como alguém por quem ele tem grande apreço, e não por menos Nael elege Halim e Domingas como seus pontos de referência.

Nessa explanação do cotidiano familiar, Nael tenta descobrir suas origens. Os acontecimentos narrados servem como pretexto, como palco para apresentar cenas de sua própria vida. O fato de vir a receber nome só no capítulo 9 é outro ponto a ser ressaltado: ele só recebe nome tão adiante na narrativa por que ele assim o quer: é ele que nos conta a sua história. Se anula ao início e se nomeia perto do fim, afinal, um “sem nome” é muito mais passível de vitimização. Fundamental ressaltar a mentalidade oriental, descrita por Toledo (2006, p.74), grifo meu:

na mentalidade oriental, o nome não é uma designação convencional, mas expressão do papel que um ser desempenha no universo. Babel, por exemplo, é explicado pela raiz *bil*, “confundir”. Para os seres humanos, o nome de nascimento expressa a atividade ou o destino de seu possuidor: Jesus significa *Iahweh salva*. O nome tem também um papel social: é o “renome” que a pessoa terá; por isso, ter vários nomes pode significar a importância de um homem, que terá vários papéis a desempenhar na sociedade – assim como **não ter nome equivale a ser uma pessoa reles**.

Independente disto, Nael tenta mostrar-se como um homem com compaixão e de caráter benevolente, acompanhando Zana até o fim da vida, e o gesto de carinho desta por ele no fim da vida poderia ser visto como uma recompensa da renegação deste neto. Os recursos argumentativos apontam caminhos que levam o leitor a acreditar na verdade que o narrador se esforça em transmitir. Procura demonstrar por meio dos argumentos e atitudes de sua mãe, que a probabilidade de Yaquub ou de Omar ser seu pai era equivalentes, mesmo não tendo ficado nunca claro um envolvimento sexual entre com Yaquub, apenas com o Caçula o envolvimento é concreto.

Mediado a compreensão do universo narrativo do romance, parece-me claro que, com uma narrativa emocional, Nael, que se mostra muitas vezes rancoroso e vingativo (como os dois irmãos), se incline a favor ou contra este ou aquele personagem. Fala de dentro da história familiar (apesar de se dizer observador da história), na posição do filho sem pai da empregada. Utiliza de memórias, depoimentos dados por outros personagens, no intuito de assegurar sua veracidade, citando-os. No que refere-se a distância que nos deixa dos personagens, coloca-nos mais próximo de uns (Yaqub e Halim, principalmente) e mais distante de outros (Omar). Nael, com sua narrativa egocêntrica, é o norte da narrativa, o foco e a razão de ser da mesma. Mas assim como é o “guia”, quer convencer o leitor de que é vítima da família e de sua história.

### **3.3 OS “POVOS-NOVOS” E AS “LEITURAS NOVO-MUNDISTAS”**

Em texto escrito em 1967, Darcy Ribeiro fala em *povos-novos*, surgidos “da conjugação e amalgamação de etnias originalmente muito diferenciadas” (RIBEIRO, 1983, p.205), referindo-se a alguns países da América Latina. Centrarei na idéia de Brasil como um povo novo, por ser esta a figura que me interessa no presente estudo.

Resultado de formas específicas de dominação étnica, “tendo a matriz indígena como proporcionadora dos elementos básicos de adaptação ecológica dos primeiros grupos neo-americanos” (RIBEIRO, 1983, p. 206), o Brasil, após a colonização efetiva deu origem ao que Ribeiro (1983) chama de protocélulas de uma nova configuração cultural: nem indígena, nem européia. Isto ainda falando em século XVI, pois com a chegada dos povos africanos (que chegam em maior número no século XVIII), a mistura é ainda mais intensa. Somados a eles temos a leva de imigrantes transplantados no século XIX e XX.

A protocélula brasileira daria o caráter de Povo Novo do país, assentada na sua formação multicultural e multi-racial em que representaram papéis decisivos o negro e o indígena, além do europeu. A miscigenação de uns com os outros sob a dominação principalmente do português, formou uma etnia peculiar: racialmente heterogênea e em pleno processo de fusão, mas culturalmente coesa pela unidade do idioma. Esse foi o processo básico de formação de todos os povos-novos.

O que têm os brasileiros de singular decorre das qualidades diferenciadoras trazidas por suas matrizes indígenas, africanas e européias, da proporção particular em que elas se congregaram no Brasil, das condições ambientais que enfrentam e, ainda, da natureza dos objetivos de produção que as engajou e reuniu (RIBEIRO, 1983, p. 221)

Estes primeiros núcleos brasileiros – protocélulas referidas por Ribeiro (1983) – surgiram da miscigenação nas décadas iniciais do contato. Os dois processos moldaram um tipo humano novo, já não indígena, nem europeu, que representaria o papel-principal na formação da sociedade brasileira.

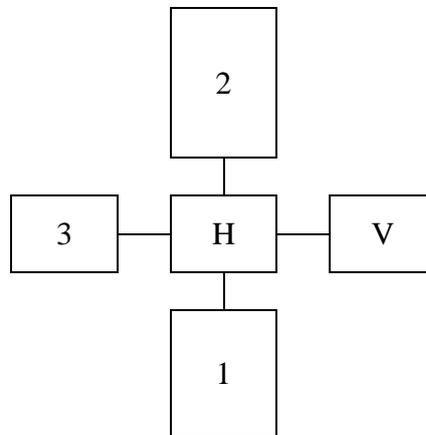
Em 2006 surge um novo texto, com outra perspectiva, mas que utiliza da mesma relação de misturas culturais. Alexander (2006), australiano residente no Brasil, cunha o termo “leituras novo-mundistas”. Qualquer semelhança com o termo *povos-novos* provavelmente não será mera coincidência.

O Novo Mundo compreende a América e a Ocenia, continentes “descobertos” pelos europeus (Velho Mundo) e que passam a existir após 1492 (data do achamento da América). Foi no século XV que a interação entre estas culturas tão díspares iniciou. Segundo Alexander (2006) este contato entre culturas tão diferentes acaba por gerar novos produtos e, partindo do contato sexual, “acaba criando um novo tipo de pessoa, uma mistura genética que não é simplesmente o colonizador, nem o colonizado”, qualquer troca feita entre eles “implica o surgimento de fatos culturais novos que não são elementos de nenhuma das culturas preexistentes, e sim uma experiência nova que não teria existido sem aquele contato” (Alexander, 2006, p.2). Neste encontro entre culturas que acaba por gerar uma cultura nova, diversa, como penso Nael, pode-se pensar na alegoria do Brasil na medida em que, assim como o narrador, recebeu influências de culturas diferentes: portuguesa, africana, indígena e de diversos povos imigrantes.

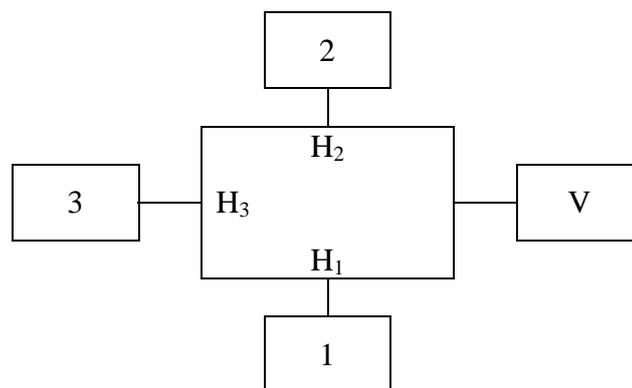
Se pensarmos no Brasil como um todo, um país “misturado”, com tendências culturais que se agregaram, poderíamos pensar na cultura portuguesa como uma dominante, já que mantivemos a língua do colonizador, por exemplo. Mas e quanto a Nael, uma mistura árabe e indígena, que vive em solo manauara (um local tão específico e peculiar)?

Utilizo o esquema de Alexander (2006) e as idéias de Ribeiro (1983), pretendendo aplicar os mesmos na busca identitária de Nael, encontrando por fim a sua possível afiliação cultural.

O modelo de Alexander (2006, p.5) propõe:



Onde H representaria a confluência destas culturas, 1 o povo nativo (índigena), 2 o colonizador, 3 os povos transplantados e V os povos vizinhos.



No desenvolvimento, dentro desta posição H existem tendências H<sub>1</sub>, onde a influência principal na cultura híbrida provém das fontes indígenas; H<sub>2</sub>, onde essa predominância cabe à cultura dos colonizadores, e H<sub>3</sub>, com maior influência dos transportados. No caso do meu objeto de trabalho o centro da confluência seria Nael (H) sendo Domingas, sua mãe, a posição 1 e a família árabe a posição 2 (mesmo não sendo propriamente colonizadores majoritários da região, exercem esta função na montagem do romance). Que confluência seria predominante em Nael? Qual o produto final?

Com esta narrativa plural, localizada em uma região onde convergem manifestações culturais de diversas origens, temos em Nael a zona híbrida, que recebe

influências do indígena (mãe) e do árabe (a família paterna), mais diretamente, fazendo a ressalva de que nasce em Manaus, Brasil, recebendo também influências dessas culturas.

### 3.4 CONFLUÊNCIAS CULTURAIS

Muitas teorias *pós-colônias* trabalham com a dicotomia *colonizado* x *colonizador*, mas na obra referida a idéia de *estrangeiro* x *nativo* cai por terra na presença de Nael, que não é nenhum dos dois, como é os dois, por isso a opção do trabalho com os textos de Ribeiro (1983) e Alexander (2006). Melhor dizendo, Nael é uma terceira margem em meio a todos estes choques de culturas, ele é fruto da dicotomia.

Na Manaus de Hatoum cruzam-se o indígena, o imigrante, os migrantes do interior . a elite local não árabe, na figura de Estelita Reinoso (vizinha da família que se considerava superior aos vizinhos imigrantes), e o francês, na figura de Laval. Que identidades são aqui forjadas? Principalmente, neste caso, qual a identidade de Nael? Índigena? Árabe? Ou tudo isso ao mesmo tempo? Ou ainda, nada disso. Identidade que vai sendo buscada através da narrativa e das lembranças do seu passado, que na verdade é o passado de todos os que o cercaram, já que ele não sabe o seu princípio.

A confluência cultural se dá em diversos momentos. Se pensarmos em Halim, que não sabia ao certo o dia e a data de seu nascimento, segundo ele “sina de imigrante” (HATOUM, 2006, p.113). O fato da cidade ser portuária, com a convergência de pessoas de vários lugares também entra como exemplo de grande confluência cultural. A figura de Galib, pai de Zana, que possuía um restaurante que era ponto de encontro de várias nacionalidades, onde se falava o português misturado ao árabe, ao espanhol e ao francês. Os *gazais*<sup>8</sup> dados a Zana por Halim, os *araks*, *narguilés*, as expressões utilizadas pelos personagens: *paxá*<sup>9</sup>, *sufi*<sup>10</sup>, *ramêni*<sup>11</sup> (expressões árabes utilizadas por Nael e Domingas), toda a variedade de peixes, temperos amazônicos e árabes utilizados pelos libaneses. O

---

<sup>8</sup> Gênero de poesia amorosa árabe, cuja tradução é “conversando com as mulheres”

<sup>9</sup> Denominação dada entre os turcos, aos títulos dos governadores de províncias do Império Otomano. Corresponhia ao título de "Excelência" usado no Ocidente. Na linguagem popular, aplicado a quem leva um vida faustosa, opulenta, cheia de ostentação e ociosa. Usado na expressão brasileira "sentado como um paxá", sentar-se indisciplinadamente.

<sup>10</sup> termo árabe, que se refere aos praticantes de uma corrente mística e contemplativa do Islã, onde se procura uma conexão direta com Deus através dos cânticos

<sup>11</sup> Órgão genital masculino, em árabe.

casamento de Zana e Halim, onde a celebração foi também uma mistura “de gente, de línguas, de origens, trajas e aparências” (HATOUM, 2006, p.41). Assim como a presença dos *curumins*<sup>12</sup> e *cunhatãs*, expressões indígenas utilizadas na narrativa. Ou ainda as canções em *nheengatu*<sup>13</sup> cantadas por Domingas no fim da vida, assim como o livro em tupi, presente de Halim a Domingas.

Fato importante é o elemento da escrita de Nael, que defendo com a maior influência cultural por ele sofrida, que só muito tempo depois da morte da mãe conseguiu escrever. Juntando as memórias das conversas com Halim e os poemas do mestre Laval, é aqui que começa o ato da narração:

mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras, disse Halim durante uma conversa, quando usou muito o lenço para enxugar o suor do calor e da raiva de ver a esposa enredada ao filho caçula (HATOUM, 2006, p.183).

### 3.4 IDENTIDADE PATERNA

No episódio em que Halim esbofeteia Omar e este acaba por manter todas as mulheres da casa a seus serviços, Nael só pensava em vingança. Mas segundo ele próprio, não sabia de quem (HATOUM, 2006, p.69). Vingarse do não conhecimento da identidade paterna, mas vingarse em quem?

Yaqub era reservado, Omar ao contrário, gostava da exposição. Em meio a tudo isto, Nael tentava descobrir quem afinal havia atraído Domingas. Esta parecia incomodada tanto na presença de um quanto de outro, ficava nervosa quando Omar a chamava e não saía

---

<sup>12</sup> Palavra de origem tupi que designa as crianças indígenas.

<sup>13</sup> Também conhecido como nhengatu, língua geral da Amazônia, ou ainda pelo nome latino língua brasílica, é uma língua do Tronco tupi, da família Tupi-Guarani. É a língua materna de parte da população cabocla do interior amazônica, além de manter o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas.

de perto de Nael quando Yaqub estava por perto. Deixava-o na dúvida, quando lamentava a ausência do Caçula ou quando se mostrava íntima de Yaqub.

Enquanto Halim “contava esse e aquele caso, dos gêmeos, de sua vida, de Zana”, Nael “juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado” (HATOUM, 2006, p.101).

Nas visitas de Yaqub, quando este passava um tempo com Nael e insistia que este fosse visitá-lo em São Paulo, poderíamos pensar em um amor paternal, mas quando lembramos que não foi capaz de lembrar do aniversário do suposto filho, podemos abandonar esta hipótese. Aniversário lembrado, sim, por Halim.

Só antes da morte Domingas faz revelações sobre o nascimento de Nael:

“Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa...Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele me disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei...Seu Halim. Parece que a vida se entortou também para ele...Eu sentia que o velho gostava de ti.Acho que gostava até dos filhos. Mas reclamava do Omar, dizia que o filho tinha sufocado a Zana” (HATOUM, 2006, p.180).

As dúvidas deixadas por Domingas são muitas: temos a revelação da violência sexual por Omar, assim como dá a entender que com Yaqub, sim, ela queria, não deixando claro se isso algum dia aconteceu. Temos ainda o questionamento enquanto Nael dormia, se este gostava de Yaqub, se lembrava-se dele. Queria Domingas que Yaqub fosse o pai? Se pensarmos na atenção que Yaqub dava ao garoto como um gesto paternal, novas suspeitas podem recair sobre ele, mas segundo Nael, ele nunca o olhou com olhos de pai (HATOUM, 2006, p.174). Se pensarmos na proteção de Zana para com Omar e na certa exploração feita por ela para com o menino, seria um motivo para este certa renegação de Nael, já que aquele era seu filho predileto. O elemento da escrita pode ser considerado um indicativo de Omar como pai, já que penso nela como herança de Laval, amigo de Omar, que era leitor de poemas. Mas Nael acaba por optar em ser filho de nenhum dos irmãos, já que fisicamente isto não importava e acaba por ter em Halim a figura paterna negada pelos irmãos.

Assim como os países colonizados tiveram a presença de várias culturas, Nael situa-se entre estas culturas distintas. Buscou suas origens, seu pai, na medida em que as

possibilidades filiais acabaram por decepcioná-lo, abdicou da filiação, construiu sua identidade através de contatos da mãe e do avô, com quem julgava ter realmente afinidades.

O afastamento da família é a resposta a sua escolha:

Mas bem antes de sua morte [Yaqub], há uns cinco ou seis anos, a vontade de me distanciar dos dois irmãos foi muito mais forte do que essas lembranças [dos tempos que passaram juntos](...) Meus sentimentos de perda pertencem aos mortos. Halim, minha mãe. Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha partilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos ( HATOUM, 2006, p.196).

Vale relembrar que segundo Fischer (2006) os romances memorialistas geralmente apresentam figuras masculinas que não tiveram filhos ou lutam com a imagem paterna, como Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), Dom casmurro (1900), Esaú e Jacó (1904) de Machado de Assis; São Bernardo (1934) de Graciliano Ramos; Lavoura arcaica (1975), de Raduam Nassar; Quase-memória (1995), de Carlos Heitor Cony, entre tantos. Nael luta com a imagem paterna não conhecida ao longo de todo romance, e por fim, acaba por desistir da busca, construindo sua identidade através da mãe e do avô, e deixando claro ao fim da obra que qualquer um dos gêmeos poderia ser seu pai. Uma vingança contra àqueles personagens que não quiseram deixar o legado de sua existência a um filho e uma vingança a favor daqueles personagens que lutaram contra figura paterna: Nael simplesmente abdica dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hatoum, em entrevista ao site Terra, diz que “a memória é o tema essencial da literatura”, que “não saberia escrever sobre algo totalmente alheio ao meu passado”. E como se percebe, ele segue isto à risca: utiliza das suas memórias de descendente de imigrante, de sua origem manauara e utiliza das memórias do narrador para contar a história desta tragédia familiar.

Com a narração baseada na memória e na passagem do tempo, me propus ao longo deste trabalho a investigar o papel do narrador-personagem Nael na sua busca identitária levantando a hipótese de encontrarmos uma possível alegoria do Brasil. Defendi também a idéia da importância da história brasileira no plano secundário por ela dar um retrato de uma sociedade desigual socialmente, como o Brasil.

Antes de chegarmos na sua busca identitária e afiliação cultural, permitam-me falar primeiramente no que tange a realidade social retratada. Segundo Mello (2007, p.232), o romance suscita um debate acerca das desigualdades sociais, mostrando a complexidade de um país como o Brasil, vacilante na construção de seu projeto social. Retrato que fica claro nas diferenças entre a periferia e a metrópole, o atraso econômico e os cinturões de miséria que se formam na capital amazonense. O capitalismo e o desenvolvimento econômico trazem conseqüências positivas, como o aumento de lucros, mas aumento de lucros para uns, para outros o desemprego, a falta de oportunidades, mas isto estamos todos cansados de saber.

Ao longo da narrativa viu-se que assim como temos duas Manaus, a de fora: a real, notada pelas descrições e certos costumes, temos a de dentro: o núcleo da família libanesa, que se desfaz em si mesma com o passar do tempo – as narrações de Nael se fazem assim, de fora para dentro: com as histórias contadas por Halim e Domingas, e de dentro para fora, com suas impressões e narrações diretamente em primeira pessoa. Histórias que ele presenciou, ou que lhe foram contadas, não obedecendo a uma ordem cronológica linear ascendente ou descendente. Nael busca sanar a sua dúvida: o nome do pai, e sua narração é o retrato de sua própria hesitação: das idas e vindas entre os gêmeos Yaqub e Omar.

E o reencontro dos irmãos sonhado por Zana, se dá na pele de Nael: é ele que a acompanha como servo durante a sua vida e antes da morte, é ele que está ao seu lado.

Acho interessante ressaltar que o desejo de vingança não se faz presente apenas em nosso narrador: Yaqub quer vingar-se de Omar (e considero a ida dele para São Paulo com pitadas de vingança contra a mãe) e Nael quer vingar-se de nem sabe quem. Assim como o desejo de ser perdoado aparece diversas vezes: Zana quer o perdão de Yaqub, Nael e Domingas esperam o pedido de perdão de Omar. E esta vingança almejada é conseguida não só por Yaqub com a prisão de Omar, Nael consegue a grande vingança: o afastamento da família. Mas ninguém consegue o perdão.

Ao ter sua simpatia por Yaqub, Nael o idealiza, e acaba por se decepcionar e é essa decepção com Yaqub que o leva a assumir uma identidade, abdicando da figura paterna. A adesão que Nael cria no leitor a Yaqub é a sua própria adesão, com a decepção causada por ele, acaba por abandonar a família.

Além de fruto de confluências culturais, o bastardo que vem a romper a linearidade, vejo Nael como um sobrevivente daquela família. Segundo Flávia Westphalen (2007, p.597) o “sobrevivente (...) é aquele que, em frente a adversidades ou após alguma catástrofe que resulta em perdas materiais ou humanas, resiste, segue vivendo”. Nael é aquele que sobreviveu a derrocada da família, o filho sem origem, que funda uma nova era: ele é a continuação genética da família. É o que sobra daquele mundo. A figura do sobrevivente costuma aparecer no período de mudanças, na superação das adversidades. Pensando em Nael como o encontro de duas culturas majoritárias no seu habitat, a idéia de sobrevivente vem a calhar na medida em que sendo ele alguém sem identidade, e com várias culturas à disposição, ele sobrevive aos percalços da vida, e forma a sua identidade, associando o que de melhor encontra nos dois mundos: Domingas e Halim, sobrevivendo a degradação da família.

Usando do termo de Ribeiro (1983), considero Nael protocélula daquela relação indígena-árabe, sem características marcadamente indígenas ou marcadamente árabes, no sentido purista. Ou ainda utilizando Alexander (2006), as forças H1, a indígena, é escassa no narrador, a força H2, árabe, não pode ser considerada forte, mas considero Nael mais H2 na medida em que a escrita que ele começa é herança árabe/brasileira/européia: a alfabetização foi fruto do colonizador, o escritor (no sentido de escrita ficcional) na trama foi Laval, amigo de Omar, que por sua vez era leitor de poesias. A prática da escrita, na minha leitura, foi a maior herança deixada pela família libanesa, tornando Nael mais árabe do que indígena, mas não totalmente árabe, pelo contrário, ele não parece carregar mais nenhuma

herança além da genética e da escrita. Passando esta herança por Omar, poderíamos ter argumentações de que ele era o pai do nosso narrador. Este é o vínculo que os une. Particularmente não acho que essa característica sirva para afirmar a identidade paterna, a narração até as últimas linhas visa a deixar a ambiguidade da questão em aberto e assim ela deve ficar. As especulações são livres, mas opto pela incerteza da filiação genética de Nael, assim como ele o fez. E está foi a grande vingança: o abandono da família, a abdicação deste pai incerto, Nael contruiu suas origens e seu passado através de Domingas e Halim. A não filiação cultura a mãe se deve ao fato da obscuridade da mesma, que pouco falava ou se impunha. Não tenho dúvidas de que o grande referencial seja Halim, Domingas o é em bem menor escala. O produto final que acabo por encontrar ao final da investigação pode ser lido metaforicamente como o início de uma nova era, Nael se afastou da família libansea ( que restou dela) e é agora professor e escritor, legado que passa por Omar e Laval. Nael não optando diretamente por Omar ou Yaqub, se tornar a terceira opção, a terceira margem, a única que restou após as tragédias que ocorreram na família.

Vários outros aspectos poderiam ser abordados na obra de Milton Hatoum: o conceito de romance memorialista, o intimismo presente na obra, a estética migrante ou ainda assuntos poderiam ser mais desenvolvidos, como a discussão sobre literatura regionalista/provinciana, muitas outras teorias poderiam ser ainda aplicadas, sem falar em um trabalho com os outros romances de Hatoum: *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Cinzas do Norte* (2006) que parecem ter muito mais em comum do que a mesma autoria. Mas me contive com busca identitária deste narrador, por que assuntos tão variados não caberiam em um trabalho que não tem a natureza de ser muito extenso.

Espero de alguma forma ter contribuído para os estudos em literatura brasileira, em especial a hatouniana, tão jovem e com tão poucos estudos acadêmicos ainda (o que é um problema e um desafio). Milton Hatoum é, sem dúvida, um escritor de peso no quadro atual da literatura brasileira. Literatura que deve estudar mais seus autores contemporâneos, não querendo desmercer de maneira alguma nossos antigos e brilhantes escritores, mas a literatura brasileira de qualidade não acabou em Clarice Lispector ou Guimarães Rosa, temos muito a descobrir como os novos escritores e seus jovens escritos.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Ian. *Leituras Novo-Mundistas*. 2007 (no prelo).
- \_\_\_\_\_. *Edward Said e Milton Hatoum: Dois Irmãos?* Projeto para Teorias Contemporâneas apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.
- BERND, Zilá. *Milton Hatoum*, 2005 (aula ministrada na Sorbonne Nouvelle- Paris 3 em nov. de 2006).
- CHIARELLI, Stefania. *Retalhos do Brasil*. Revista escrita, Puc-Rio, 2005. [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_1188.D2W/INPUT?CdLinPrg=pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1188.D2W/INPUT?CdLinPrg=pt) (acessado em 23 de setembro de 2007)
- FISCHER, Luís Augusto. *Conversa urgente sobre uma velharia: Uns palpites sobre vigência do “regionalismo” no Brasil*, 2007.(no prelo)
- \_\_\_\_\_. *Literatura Brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras (Companhia de bolso), 2006.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Duplo*. In: Bernd, Zilá (Org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial / UFRGS, 2007.
- PELLEGRINI, Tânia. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso-Brazilian Review – Volume 41, Numero 1, 2004. (acessado em 30 de setembro de 2006): [https://muse.jhu.edu/demo/luso-brazilian\\_review/v041/41.1pellegrini01.pdf](https://muse.jhu.edu/demo/luso-brazilian_review/v041/41.1pellegrini01.pdf).
- RIBEIRO, Darcy. *Os povos novos*. In: RIBEIRO, Darcy. *As américas e a civilização*. Petrópolis : Vozes, 1983.
- TERRA MAGAZINE. *Hatoum: “A literatura é a arte da paciência”*. Entrevista concedida ao site Terra, disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1909408-EI6595,00.html> (acessado em 19 de novembro de 2007).
- TOLEDO, Marleine Paula Marcondes Ferreira de. *Milton Hatoum: itinerário para um certo relato*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Entre olhares e vozes: Foco Narrativo e retórica em Relato de um certo Oriente e Dois irmãos de Milton Hatoum*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- TONUS, José Leonardo. *O efeito exótico em Milton Hatoum*, In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n° 26, Brasília, Julho/Dezembro, 2005.

WELTER, Juliane Vargas. *Querência*. In: Bernd, Zilá (Org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre : Tomo Editorial/UFRGS, 2007. p. 532-538.

WESTPHALEN, Flávia Carpes. *Sobrevivência*. In: Bernd, Zilá (Org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre : Tomo Editorial/UFRGS, 2007. P 597-602.

As expressões árabes e indígenas citadas no texto podem ser encontradas nos seguintes sites:

*Arak*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arak> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Cunhatã* <http://www.jangadabrasil.com.br/agosto24/pn24080a.htm> ( acessado em 10 de setembro de 2007)

*Curumim*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Curumim> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Gazal*: <http://www.famigerado.com/sete/srebugzi.htm> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Maná* [http://pt.wikipedia.org/wiki/Man%C3%A1\\_%28B%C3%ADblia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Man%C3%A1_%28B%C3%ADblia%29) ( acessado em 10 de setembro de 2007)

*Narguilé*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narguil%C3%A9> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Nheengatu*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nheengatu> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Paxá*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pax%C3%A1> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Sufi*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sufi> (acessado em 10 de setembro de 2007).

*Tupi*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tupi> (acessado em 10 de setembro de 2007).